Antônio Bezerra de Menezes

Um ilustre Historiógrafo

Antenor Gomes de Barros Leal

Pela segunda vez me é dada a honra de ocupar esta tribuna. Hoje, de modo muito especial, agradeço a V. Exa., Sr. Presidente, e ao nosso nobre amigo General Raimundo Teles Pinheiro, que me concedeu, por nímia gentileza, o seu lugar na pauta desta sessão.

Sem maiores pretensões, aqui me disponho a traçar paralelos. Antônio Bezerra de Menezes, o grande historiador cearense, há pouco mais de cem anos visitou uns trinta e cinco lugares no interior da província, objeto de belo relato em livro famoso, *Notas de Viagem*. Como seria o *Notas de Viagem* de 1985, percorresse novamente o historiador os mesmos passos? Seria, é certo, um espantoso relato de notas comparativas, inimaginável, a ser pintado pela pena do autor. Tomo a liberdade de extrapolar sua surpresa, por mim inferida, a partir da minha própria, guardadas, faço questão, as devidas proporções entre nós dois, inicialmente, e em função de um menor intervalo de tempo. Refiro-me às duas viagens que fiz a Ubajara, Ceará, espacejadas por um período de tempo mais modesto, de 22 anos.

Em 1957, em ônibus comum, cheguei ao pé da Gruta de Ubajara em companhia de outros turistas, sob a orientação da distinta dama Marlete Leite. Prosseguimos a caminhada sobre pedras movediças, cobertas de lodo, folhas secas e lama preta, vencendo alguns tantos aclives e declives perigosíssimos. Não encontro adjetivos para desenhar com mais fidelidade o sofrimento da comitiva. Logo adiante havia uma cruz à beira da estrada, enfeitada por um monte de

pedras, lajes e lajotas. Uma vítima recente, a mais. Nesse exato local escorregou o jovem Nestor Barbosa, nosso destemido e alegre companheiro, fraturando um braço.

Momentos depois, do meio do caminho, ouvimos gritos nervosos de uma mãe que reclamava a presença do filho. Ao avistá-lo, chorou e riu loucamente, ao ponto de beijar e abraçar com avidez o filho que julgava perdido.

Após mais desesperos, conseguimos chegar à entrada da gruta, não pouco fatigados e menos nervosos, sem condições reais de bem apreciar as maravilhas de Deus dentro daquela colossal selva de pedras.

A volta foi igualmente dolorosa, de gente sofrida, vagarosa e arrependida. Foi a nossa "Via Crucis".

Em 1979, 22 anos depois, voltei à gruta de Ubajara em ônibus de luxo, com o máximo conforto. Na aproximação do deslumbrante bloco granítico, tudo estava completamente diverso. A passarada, em festa matutina, beijava-se alegremente e cantava a melodia das serras, talvez anunciando a nossa chegada. Os relógios marcavam 5 horas de uma manhã pardacenta e muito fria. O ar que cortamos fustigava-nos o rosto. Vimos bem de perto os precipícios, apavorantes, de profundidade incomensurável a olhos medrosos.

Embalados por um gostoso e variado desjejum, tomamos o bondinho, moderno teleférico, e fomos de um monte ao outro. O rangido brusco das correntes marcou a nossa chegada exatamente às 10 horas. Penetramos na sala das Rosas, dos Retratos, dos Espelhos, do Sino e outras, marcadas por sinais litográficos, provavelmente de origem fenícia, onde os agentes atmosféricos parecem não ter ação destruidora.

No meio de tantas belezas, livres de animais de qualquer espécie, observamos os ricos detalhes do teto enfeitado por estalactites, vendo-se pelo chão grande quantidade de estalagmites resultantes dos respingos caídos lá de cima.

De volta, ao entardecer, percebemos o gorjeio alegre de um sabiá da serra, como se para nós fora um beijo, beijo do despedir-se. "Quando o sabiá canta é o tempo do amor", foi José de Alencar quem já isso caracterizou, em sua obra "Iracema".

Como o raio fulminante que vem descido do não sei de onde,

furou-me a lembrança, nesta singela hora de sombras frias, da heróica figura de Antônio Bezerra, o eminente quixeramobinense.

Bem sabemos que tudo aquilo que não é lembrado se estiola e desaparece, como certos vegetais privados da luz solar. E, por mais exuberantes que sejam, murcham e fenecem para sempre.

Clareemos nas nossas mentes, então, mais uma vez o nome impoluto deste nobre, que nos honra por ser um dos 12 fundadores deste Instituto de gloriosas tradições, que assim se fez desde 4 de março de 1887.

Sr. Presidente, ilustres societários, senhoras e senhores.

O pioneirismo de Antônio Bezerra podia ser novamente escrito. E o que encontraria o novel historiógrafo que tivesse o ímpeto de cobrir os rastos de Antônio Bezerra, tendo como mapa e roteiro o seu livro *Notas de Viagem?* Certamente, povoados transformados em vilas e cidades, riscadas por modernas estradas, mudança em estrutura e costumes.

Faz-se mister salientar que o longo exercício de suas atividades o levou a acompanhar passo a passo o desenrolar da história do Ceará. Conseguiu reunir, dentro de 5 meses, aproximadamente, fatos importantes e registrá-los diariamente com toda a clarividência dos seus próprios olhos. *Notas de Viagem* foi reeditado em 1965 com prefácio do nosso mestre Raimundo Girão, por ocasião do 10.º aniversário de instalação da Universidade Federal do Ceará, nascida da pertinácia e intrepidez do nosso ilustre Presidente e Reitor Perpétuo Antônio Martins Filho.

Vejamos agora o itinerário organizado por Antônio Bezerra há mais de um século para viagens em lombo de animais, com exceção do trecho Fortaleza-Camocim, vencido no dia 12 de setembro de 1884 a bordo do Vapor "Cabral" e do Granja-Massapé, por via férrea. Fortaleza, Camocim, Granja, Massapê, Santana, novamente Massapê, Riachão, Palma, Viçosa, Tubarão, Gruta de Ubajara, Ibiapina, São Benedito, Campo Grande, Ipu, Ipueiras, Príncipe Imperial (hoje Crateús), Caiçara, Independência, Vertentes, Cachoeira (hoje Parambu), São João do Príncipe (hoje Tauá), novamente Independência, Jurumenho, Tamboril, Santa Quitéria, Sobral, São Francisco (hoje Itapajé), Vila Nova, Itapipoca, São Bento da Amontada, Acaraú, novamente para São Bento da Amontada (chegando no dia 28 de fe-

vereiro do ano seguinte), Mundaú, Trairi, Soure, Barro Vermelho e Fortaleza. Ao divisar os primeiros prédios da Capital exclamou: "Graças, meu Deus, porque trago vida para amar minha terra e abraçar os meus".

Temos assim que Antônio Bezerra, mesmo diante dos perigos dessas viagens, em condições hostis, manteve-se consciente das suas responsabilidades diante do empenho de sua palavra ao Governo Provincial em dias de setembro de 1884, tudo isto para o engrandecimento da história do Ceará, deixando assim aos seus descendentes uma herança de amor, força e muita coragem. A juventude se lhe passou nessas imensas viagens, de ombro a ombro com lances perigosos e aventuras temerárias, mas nunca esqueceu o sítio do Barro Vermelho onde os anos alquebraram suas forças másculas.

Faleceu em Fortaleza no dia 28 de agosto de 1921, aos 80 anos.

DADOS BIOGRÁFICOS

"No dia 21 de fevereiro de 1841 veio ao mundo em Quixeramobim, Ceará, Antônio, filho legítimo do Dr. Manoel Soares da Silva Bezerra e Dona Maria Tereza de Albuquerque Bezerra". Foi o varão que seria, mais tarde, o historiógrafo tenaz, inconfundível e forte. Autodidata, literato de real capacidade, abolicionista apaixonado, dedicado ao estudo geográfico e político do Ceará. Jornalista combativo, cronista, poeta, estudioso das ciências naturais, historiador criterioso. Nunca conseguiu acumular qualquer fortuna nem soube pleitear nada em proveito próprio. Desinteressado por qualquer ambição ou bem que redundasse em benefício seu ou de pessoas próximas, passou a vida distribuindo benesses sem exigir retribuição.

Empenhou-se, com todo o ardor, na campanha abolicionista, porque via na miséria do escravo uma mácula nos nossos foros de gente civilizada. Foi um desassombrado durante todo o desenrolar dos fatos que resultaram na total emancipação dos negros cearenses, empenhando-se nesse afã sem ouvir familiares nem amigos que o advertiam das possíveis conseqüências, caso houvesse um insucesso na campanha. Timbrou em demonstrar o mais vivo e desinteressado vigor na luta que só amainou quando viu o feliz resultado. Foram imensos os serviços prestados por Antônio Bezerra ao Ceará e por

isso a sua memória deve sempre ser reverenciada. O inolvidável homem público, com a sua disposição, modificou o cenário intelectual cearense, fazendo nascer uma nova era cultural e com os seus estudos e interpretações dos fatos sociais de seu tempo.

É preciso que se faça a devida justiça ao benemérito cearense. À medida em que o tempo passa mais sobresseem as suas virtudes morais e cívicas. Tributemos a ele todas as honras para resgatarmos essa imensa dívida de gratidão de que somos devedores.

Católico praticante, seguiu a linha traçada por seu pai, morrendo honradamente, deixando todo o Ceará compungido e reverente diante do conterrâneo que soube honrar o nome de sua terra.

Em Manaus foi diretor do Museu Amazonense e redator do jornal *A Pátria*. Pertenceu à Padaria Espiritual, ao Centro Literário, ao Instituto do Ceará, sendo patrono da cadeira n.º 4, da Academia Cearense de Letras, cujos ocupantes, pela ordem foram: João Otávio Lobo, Antonio Furtado, Raimundo Girão, que pediu transferência para a cadeira 21, de José de Alencar. O quarto foi Milton Dias e atualmente, pertence a Joaryvar Macedo. Em alguns trabalhos usou Antônio Bezerra o pseudônimo de "André Carnaúba". A seu respeito, disse o nosso querido Mestre Raimundo Girão: "Homem algum, entre nós, foi tão presente aos fatos cívicos e intelectuais do seu tempo". O escritor paraibano, que se dizia "cearense pelo coração", Rodrigues de Carvalho, assim se expressou: "No Ceará, Antônio Bezerra é figura obrigatória em tudo que seja manifestação de inteligência e saber".

João Brígido, com sua linguagem genial de jornalista arrojado, afirmou: "É um escritor ameno, duma alma bem formada, apenas com um toque de visionário. Meio estrábico, vê as coisas de través; voluntarioso em excesso, tem um fogão no crânio, no qual está dia e noite, ardendo a novidade e queimando as quimeras até se reduzirem a cinza eternas verdades".

O ilustre jornalista e escritor J.C. de Alencar Araripe assim o exaltou: "Não colocou no dedo o anel de bacharel, mas conquistou uma soma enorme e variada de conhecimentos no universo do saber. Nos seus escritos há provas exuberantes da cultura geral de que era detentor".

BIBLIOGRAFIA

Sonhos de moço, (poesias, *Lampejos,* (poesias), *Maranguape, Notas de Viagem* — 1885 — 1889; *Horas de Recreio* — 1886; *Dúvidas Históricas* — 1887; *Algumas Origens do Ceará* — 1901; *O Ceará e os Cearenses* — 1906; *Pero Coelho de Souza no Ceará* e *Três Liras,* em pareceria com Justiniano de Serpa, e Antonio Dias Martins; *Datas de Sesmaria,* em 14 tomos.

Evidenciamos, pois, que Antônio Bezerra foi homem que leu bastante e aprendeu muito, sem tempo para bacharelar-se em Direito em São Paulo, como sonhava e onde residiu por muito tempo Viajante infatigável, itinerante de raciocínio rápido e inteligência penetrante, sem contudo inclinar-se às bajulações convencionais.

Faleceu em Fortaleza no dia 28 de agosto de 1921, aos 80 anos.

Transcorridos 144 anos desde o nascimento, aqui o reverenciamos; seu nome está cada vez mais vivo entre nós; apenas Quixeramobim ainda não lhe prestou as devidas homenagens.

Foi meu objetivo focalizar, mesmo em pinceladas rápidas, a figura ímpar do meu conterrâneo, fazendo lembrar aos cearenses o dever de dobrar os joelhos diante da sua venerável pessoa, que legou para nós exemplo de trabalho, destemor e honradez.

Que as glórias de outros tempos não se varram para sempre com os ventos entrantes do futuro, assim dourando os fiéis compromissos do Instituto Histórico, Antropológico e Geográfico do Ceará.